

PARAFERNÁLIAS

Diferença Artes Educação



INDER
Instituto



INDEPIN INSTITUTO

O Instituto de Desenvolvimento Educacional e Profissional Integrado – INDEPin – oferece cursos livres em diferentes áreas e atua como Editora, através de publicações colaborativas em formato impresso sob demanda e em formato digital para download gratuito. O Instituto não visa lucro com essas propostas de publicação, apenas busca contribuir para que produções de diferentes áreas sejam disponibilizadas facilitando o acesso.

DANIELE NOAL GAI

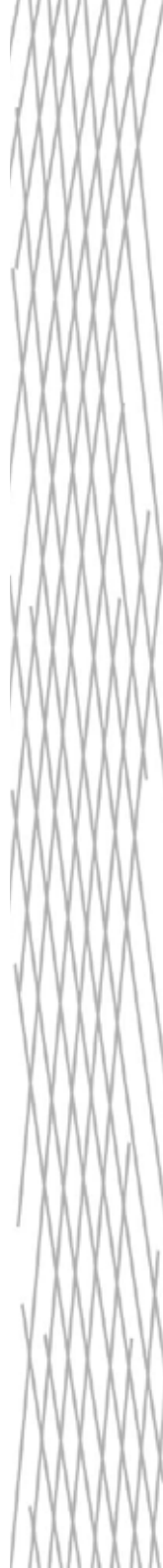
WAGNER FERRAZ


(org.)

P A R A F E R N Á L I A S |
Diferença Artes Educação

1ª Edição

Porto Alegre
INDEPIn
2013





Copyright @ 2013 Daniele Noal Gai & Wagner Ferraz (Org.)

Organização:

Daniele Noal Gai & Wagner Ferraz

Projeto Editorial:

INDEPIN - Miriam Piber Campos
Processo C3 - coletivo de várias coisas - Wagner Ferraz

Capa:

Anderson Luiz de Souza e Luísa Trevisan Teixeira

Arte da capa:

Anderson de Souza

Layout e diagramação:

Diego Mateus e Wagner Ferraz

Revisão de Texto:

Carla Severo Trindade

INDEPIN Editora - Coordenação Editorial
Miriam Piber Campos e Wagner Ferraz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P22 Parafernália I: diferença, artes e educação. / organização de Daniele Noal Gai Wagner Ferraz. – Porto Alegre: INDEPIN, 2013.
221p.: il.

ISBN: 978-85-66402-02-5

1. Educação. 2. Artes. 3. Textos poéticos.
I. Gai, Daniele Noal. II. Ferraz, Wagner.

CDU 37.01

Bibliotecária Responsável: Ana Lígia Trindade CRB/10-1235

2013
INDEPIN Editora
www.indepin-edu.com.br

Intervenções Pedagógicas e Necessidades Educativas Especiais: um olhar para além da disciplina

157

Cláudia Rodrigues de Freitas - UFRGS

Carla Karnoppi Vasques - UFRGS

Daniele Noal Gai - UFRGS

Para falar de acontecimento, agenciamentos e invenção,

Parece-nos fundamental que a universidade, como agência formadora, assuma com os sistemas de ensino a responsabilidade de participar de uma rede de iniciativas que ofereça suporte aos profissionais da educação, de forma a contribuir no processo de inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino comum. (JESUS e GOBETE 2006, p. 3)

O texto das professoras Jesus e Gobete nos convoca a inventar cotidianamente a disciplina. Um olhar sobre o histórico desta disciplina e o permear de seus aspectos na proposta de educação inclusiva põe foco sobre este tema na revisão dos cursos de licenciatura, para que não fique restrito à especialização, como propõe a Resolução CNE/CP nº 01/2006. Nos remete ainda à Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008). Esta legislação é motivadora da obrigatoriedade da oferta de disciplinas acadêmicas para as licenciaturas que dediquem estudos, pesquisas e práticas em educação inclusiva e acerca da inclusão de alunos com deficiência no ensino comum. Completa quatro anos e já dá bons frutos, desencadeados a partir do Departamento de Estudos Básicos (DEBAS) da Faculdade de Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e sobre os quais pretendemos aqui nos debruçar.

É preciso urgentemente ampliar os espaços de articulação e de debates entre os profissionais da Educação em geral e aqueles da Educação Especial, começando pelos espaços de formação

e de discussão acadêmica. Por exemplo, ainda não conseguimos garantir que todos os professores tenham, em sua formação inicial, conhecimentos relativos à Educação Especial. Essa é uma das urgências dessa área do conhecimento. (Baptista, 2002, p. 164)

A Disciplina “Intervenções Pedagógicas e Necessidades Educativas Especiais” atende à Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva e à Resolução CNE/CP nº1/2002, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica. Tais documentos orientam as instituições de ensino superior a prever, em sua organização curricular, a formação docente que contemple conhecimentos sobre as especificidades dos alunos com necessidades educacionais especiais.

Na UFRGS, os alunos das licenciaturas têm em seu currículo a oferta desta disciplina. Mesmo aqueles alunos que ainda não têm em sua grade esta disciplina como obrigatória vêm procurando a ampliação de estudo e discussão no sentido de subsidiar sua atuação na escola e nos estágios curriculares.

Como essa disciplina entra no cenário dos cursos que se propõem à docência na UFRGS? Surge como um acontecimento, pois muda a história, traz rarefação e novidade para os rumos da educação de pessoas com deficiência. Acontecimento em um sentido Deleuziano (2008) por tratar-se de estranho presente inacabado - construindo-se e reinventando-se, num fazer-se contemporâneo e ininterrupto. Sugere efetivamente a liberdade de outro pensar, estimulando o permanente conceber de novas formas de promover essa “Escola Para Todos” (CNE/CP), desde a mudança do olhar sobre as pessoas e sobre as formas de aprender. Os alunos - futuros e muitos já educadores - devem pensar outras formas de se inventar e inventar suas aulas.

Referencial Teórico e Metodológico

Optamos por assumir um enfoque cartográfico. Colocamos em ação uma vontade de encontrar sentidos nas práticas discursivas. Sentimo-nos muitas vezes como um cartógrafo que “leva no bolso um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações” (ROLNIK, 1986, p. 69). Olhar para o processo de construção da disciplina nos remete a este lugar de cartógrafo que busca na surpresa diante do campo, das evidências, ir construindo a cartografia em processo. As trilhas dessa cartografia que ora se desenha passam a ficar mais visíveis conforme vamos contando delas.

O método “não separa pesquisa de intervenção”; ao contrário, a constitui como implicação. Pensamos o método como uma oportunidade de cartografar. A indissociabilidade entre a intervenção e a pesquisa é concebida como a “inevitável ferramenta no trabalho do cartógrafo, põe em evidência a natureza da relação sujeito-objeto como própria de uma relação” (AMADOR e FONSECA, 2009, p. 34). A cartografia investiga um processo de produção.

Segundo Barreto (2006, p, 84), “A formação de professores é, sem dúvida, o aspecto determinante para a efetivação de uma política de inclusão educacional”. Relata a autora os inúmeros estudos que vêm sendo realizados nesta ordem. Pensamos que são da ordem da invenção e socializar nosso trabalho compartilha a possibilidade de encontro com outras.

Nas escolas, quando se fala em inclusão, pensa-se logo no professor especializado. Na formação pedagógica dos professores em geral, a temática da inclusão tem uma inserção ainda precária. [...] É preciso, urgentemente, ampliar os espaços

de articulação e debates entre os profissionais da educação em geral e aqueles da educação especial, começando pelos espaços de formação e de discussão acadêmica. (Ibidem, p.167)

Ato único. Produção pessoal de cada sujeito. Assim entendemos invenção. Kastrup (2005) faz uma diferenciação entre criação e invenção na relação com a cognição. Segundo ela, a criação seria uma capacidade de resolver problemas, “uma capacidade de produzir soluções originais para os problemas” (ibid, p. 1.273), em que o crédito é dado ao sujeito, ou a partir do inventor. A invenção consistiria em um movimento de “invenção dos problemas”, tendo um caráter complexo de construções em um movimento de imprevisibilidade com relação ao próximo passo. Desta forma, o processo de invenção do pensar a disciplina é acontecimento contínuo e permanente.

161

A disciplina: “Amo tontos do que sensatos⁴³”

Súmula: A disciplina visa à reflexão crítica de questões ético-político-educacionais da ação docente quanto à integração/inclusão escolar de pessoas com necessidades educativas especiais. Analisa a evolução conceitual, na área da educação especial, assim como as mudanças paradigmáticas e as propostas de intervenção. Discute as atuais tendências, considerando a relação entre a prática pedagógica e a pesquisa em âmbito educacional. (DEBAS/FACED/UFRGS)

43 - Manoel de Barros, 2011, s/p.

A disciplina está constituída em quatro grandes eixos desencadeados a partir da súmula. O primeiro eixo é a Introdução à educação especial: histórico e tendências fazendo uma análise do lugar associado à pessoa com deficiência ao longo da história e atuais direcionamentos educacionais. O segundo eixo engloba o contexto da inclusão escolar: Políticas Educacionais no Brasil. O terceiro propõe pensar sobre os sujeitos da inclusão escolar: Alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades. Os planos conceituais, normativos e pedagógicos da dimensão política da educação especial brasileira. O quarto eixo refere-se aos processos inclusivos, políticas de educação e prática docente. Propostas de intervenção pedagógica e análise de experiências no contexto brasileiro e principalmente em Porto Alegre, grande Porto Alegre e as produções dos municípios-polo do Rio Grande do Sul. Esta temática nos é muito cara, pois pertencemos ao Núcleo de Estudos em Políticas de Inclusão Escolar – NEPIE, o qual se dedica ao estudo das práticas desencadeadas nos municípios-polo do RS.

Quando do início da disciplina, na primeira aula, se pede aos alunos que escrevam sobre como imaginam o acontecer da disciplina Intervenções Pedagógicas e Necessidades Educativas Especiais no “currículo pessoal” de cada um. No final do semestre, na última aula, retomamos a pergunta indagando sobre as premissas que ficaram, assim como as perguntas que ainda possam seguir latejando. Felipe dá vistas do processo desencadeado e de forma literal o descrevemos. A primeira escrita se dá na primeira aula e a segunda, no último dia de aula:

Primeira escrita de Felipe: De fato, ao ficar sabendo que esta disciplina tornou-se repentinamente obrigatória no meu curso, fiquei

um pouco descontente. Porém, depois desta aula inicial, me dei conta que eu mesmo já dei aula a crianças deficientes e aquela situação, apesar de ser resolvida com intuição, merecia uma atenção maior da minha parte, já que pretendo ser professor [...]

Segunda e última escrita de Felipe: Fiquei bem entusiasmado com o conteúdo programático desta cadeira, que conseguiu capturar totalmente minha atenção pelo método didático novo [...], valendo-se de filmes, palestras com profissionais e educadores, textos didáticos [...] Ao mesmo tempo, saio deste semestre cheio de dúvidas a respeito de um caminho mais acolhedor para a educação neste país e um caminho mais instigante pra mim, não somente como educador, mas principalmente como sujeito inserido numa sociedade. Obrigada pela ajuda. Saio do semestre mais empolgado com esta área [...].

Felipe faz ver em sua escrita o movimento que a disciplina proporcionou em sua formação. Ele passou pela disciplina, assim como pelo Seminário Intervenções Pedagógicas e Inclusão Escolar (forma inventada por nós para ampliar a disciplina). Justifica-se a disciplina pelo relato de Felipe. Nosso objetivo é contribuir para a ressignificação da formação de professores da UFRGS para o desenvolvimento de culturas, políticas e práticas de inclusão e toma sentido nas palavras deste aluno.

Justifica-se a disciplina pelo clamor e pelas queixas dos professores em muitas escolas, referindo: “Eu nunca fui preparado para trabalhar com esses alunos”. Sim, escutamos as queixas procedentes da escola e as acolhemos, oportunizando a qualificação da ação e do olhar dos educadores em formação. As aulas não pretendem oferecer nenhum tipo de “manual” ou metodologia capaz

de ser usada por todos. Tem a intenção, sim, de provocar o pensar/inventar a educação sobre os sujeitos referidos como de “inclusão” e construir uma aproximação com o Atendimento Educacional Especializado (AEE) através da Sala de Recursos e do Laboratório de Aprendizagem. Organizamos visitas a estes espaços para que os alunos vejam *in loco* o processo de AEE na relação com seus alunos.

Torna-se pertinente falar sobre o movimento de construção a partir da disciplina, a qual apresenta uma súmula e uma organização acadêmica formal, mas se inventa a cada semestre, turma e acontecimento, desde o estabelecer deste encontro. Esta disciplina vem se produzindo desde o movimento que mobiliza ensinantes e aprendentes. A cada semestre a disciplina se renova, porque é (re)pensada, (re)trabalhada através do tecer de olhares de uma nova turma. O aluno pode repetir o semestre, mas não vai fazer a mesma disciplina. As evidências destas impressões ficam em palavras como as de Felipe, e, ainda, em toda a produção organizada e socializada dos alunos.

(Com)Versações: O olhar das professoras

As Versações a seguir contam na primeira pessoa alguns fazeres que muito têm de interlocução. A conversação é o próprio texto, mas marcamos alguns dizeres/fazeres contando do acontecer em sala de aula, fruto de uma constante trama de pensares. São três pares de mãos produzindo a disciplina. Em alguns momentos, surgem, neste texto, as balizas e princípios fundamentais construídos pelas três professoras para as treze turmas desta disciplina. Em outros, a singularidade de um fazer em parceria com seu coletivo de alunos.

Nas próximas linhas cada uma das três professoras

corresponsáveis pela disciplina conta um pouco da forma como isso vem sendo desencadeado Versando com as turmas. A primeira a relatar sua forma de trabalho é Cláudia:

Cláudia: Inventando a possibilidade do olhar

Uma das propostas que venho trabalhando com os alunos é denominada de “Capturando Imagens”. Funciona como um dispositivo que necessariamente coloca o olhar dos alunos na cidade e nas relações sociais vividas aí. Os dispositivos nos dão a ideia de fios diferentes que se entrecruzam, se emaranham, montando as tessituras da disciplina. A trajetória é multilinear, acompanhando o tempo dos acontecimentos: olha, reconhece cada situação/articulação em encadeamento.

No início do semestre informo aos alunos sobre esta tarefa, que será uma das avaliações da disciplina. A consigna dada não prevê muitas “explicações”. Ao contrário, prevê a distração no sentido atribuído por Kastrup. Seria um vaguear atento. Devem “procurar na cidade”, no seu “dia a dia”, nos lugares por onde circulam, “imagens que de alguma forma lembrem a cada um a disciplina”. A partir disso, pouco ou quase nada é dado como **referência** aos alunos além da forma: podem usar a fotografia, filmes, desenhos ou mesmo referências plásticas com texturas. Qualquer produção é aceita e depois explorada no coletivo.

A maioria conta/socializa suas imagens com os colegas de forma muito produtiva, fazendo conexões importantes com o que foi sendo trabalhado no semestre. Neste momento, quando o aluno conta sobre as imagens, as mesmas tomam sentido. É de fato a oportunidade de ampliar o conteúdo estudado, discutir a vida cotidiana e a inclusão escolar de forma viva através do olhar de quem

conta. Muitas discussões, perguntas e entendimentos se fazem neste momento.

Em uma destas conversas, Lauro conta sobre sua turma, uma quarta série do ensino fundamental em um município da grande Porto Alegre. Mais especificamente, quer ajuda para pensar sobre sua aluna:

Lauro – Bem, ela tem a pele muito diferente. É grossa, parece uma pele de jacaré. Além disso, ela usa óculos, pois tem nove graus de miopia. Ela senta bem na frente e dificilmente eu preciso mudar alguma coisa em aula para ela. Ela não tem nenhum problema de aprendizagem. Acompanha a turma muito bem. Ela é uma aluna de “inclusão”? Ela consta na ficha da secretaria que vai para a SMED como aluna de “inclusão”.

Cláudia – Tu, que é professor dela, me diz: Ela é aluna de “inclusão?”

Lauro – Não, eu acho que não é de “inclusão”. Ela aprende como os outros. Eu eventualmente faço alguma coisa ampliada. Só. Não preciso fazer nada de diferente na aula. Mas todos os meses ela vai na “planilha” que vai para o MEC como aluna de “inclusão”. Mas ela não precisa de nada. Eu não a considero.”

Lauro tinha “dúvida” sobre isso, mas de fato, quando constrói a pergunta, a mesma já está recheada de saber e Lauro já possui uma ideia definida. “Não, ela não é uma aluna de ‘inclusão’.” De fato, pelo discurso do professor Lauro, todos eram olhados na sua diversidade. A aluna tinha amigos e estava aprendendo na escola e com ele!

Como o leitor pode observar nas cenas narradas pela professora Cláudia, as formas de fazer ver, pensar,

criar e sentir podem ser potencializadas de modos outros e aparentemente despropositados. É importante destacar esta presença de um conteúdo denso em termos de inquietação e suspeita por parte dos graduandos, o qual exige rigorosidade no estudo de referenciais teóricos consistentes e consonantes com a proposta de educação inclusiva.

Na sequência, quem conversa com o leitor e traz para o texto um pouco do histórico e construção de suas aulas é a Professora Daniele.

Daniele: Experimentações Fotocartográficas

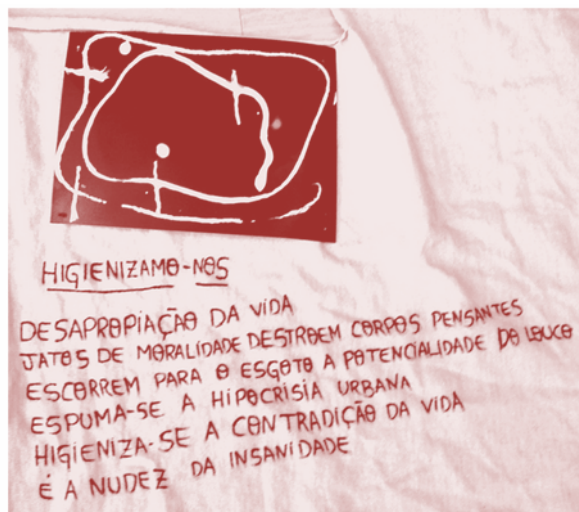
Dentre as proposições e provocações que venho implementando junto com os alunos destaco o Cordel de Imagens. Com fios pendurados entre cadeiras, suspensos entre janelas e ventiladores, do chão ao teto, na área zigzagueante da sala de aula, construímos um varal e penduramos as fotografias produzidas pelos alunos e por mim. Não é uma simples ação de pendurar fios, mas de tecer, andar entre as imagens, olhar e ver, perder-se e perguntar, falar sobre si e narrar a produção do outro, movimentar-se e produzir agenciamentos e pensamento enquanto produz-se uma cena específica: uma exposição de fotocartografias⁴⁴ de aula. Em algumas turmas optamos por fazer uma exposição das imagens em papel fotográfico. Em outros grupos fizemos blogs e disponibilizamos no facebook as visualidades e as escrituras inventadas nas aulas. Para que se possa produzir

44 - “É algo que vai além da simples função de mostrar retratos, produzir fotografias, selecionar imagens. As relações entre imagens e textos não são discursos que se colocam uns sobre os outros, são interconexões que falam de “conversas com”, de conversações, de arte e texto, de experimentação artístico-filosófica. Pode-se perceber o inefável, o que se considera difícil de expor em palavras, que escapa aos olhos, que foge da linguagem inteligível determinada por alguns...” (GAI; MIANES, 2012, p. 10).

esta exposição, delimito blocos de aulas nos quais trabalhamos textos acadêmicos previamente escolhidos, os quais estão disponíveis na web. Venho propondo uma aproximação com as poesias de Manoel de Barros para pensar modos aparentemente simples e irreverentes de pensar e nomear as coisas cotidianas. Trabalhamos com arte contemporânea e visitas a estas obras via web e, em alguns casos, via youtube, além de optarmos pela lufada de desejo e ternura⁴⁵ de alguns filmes. Como exemplo, cito o primeiro bloco, que tem como foco a construção do histórico da educação especial. Logo nas primeiras aulas nos confrontamos com um clássico do cinema, o filme “O menino selvagem”. Após ler os relatórios de Jean Itard, assistir ao filme e conversar sobre as questões referentes ao que nos captura e nos encanta no filme e no relatório - pois ambos têm poesia em sua arteficialidade e em sua produção de efeitos de sentido e produção de conceitos de deficiência -, passamos às mais variadas versões. Conversamos sobre as resistências, o desconhecimento, o estranhamento e o silenciamento frente à deficiência; estudamos o processo de institucionalização e de desinstitucionalização das pessoas com deficiência; tratamos dos motivadores históricos do processo de inclusão escolar... Alguns alunos produzem muitas imagens com marcas particulares, curiosas e individuais, outros criam um cenário, alguns se utilizam de obras de arte, poucos se dedicam aos clichês. Para muitos dos alunos uma única imagem basta para dizer o que estudamos num bloco de aulas. Para cada grande

45 - Considero importante esclarecer ao leitor que as produções filmicas trazem às aulas uma lufada de sensações, produzindo nas turmas o desejo ou não da fabulação, da pesquisa, da reprodução, da conversação. Elenco alguns filmes que possam trazer a rarefação das artes e a produção de perceptos e afectos (DELEUZE, 2007). O que nos proporciona criar outros conceitos para o visto, indo além da interpretação, da leitura de imagens e narração das mesmas, ou ainda, do uso dos personagens para estudo de caso.

bloco de aulas: planejo algumas intervenções, convido pessoas da comunidade e até mesmo familiares para virem às aulas e assistirem aos filmes conosco, sugiro pesquisas de trabalhos de final de curso de graduação e de pós-graduação, trabalhamos intensamente com a arte semanal em nossos encontros. As fotocartografias têm vindo com um olhar surpreendente, despropositado, poético, belo... Não é retratada a rampa, não é reparada apenas a placa do estacionamento que garante a vaga para pessoas com deficiência, não é o olhar e o retrato de denúncia frente aos impeditivos de inclusão e participação daquele que tem deficiência. É tudo isso e um pouco mais. Acrescenta-se aí uma dose de incômodo, afecção e poesia. A partir de uma provocação minha, uma aluna disse: “Ué, é a terapia do ver”. Passei a acreditar na possibilidade de ser, sim, uma terapia do ver e do sentir. Trata-se de uma mudança, é outra forma de olhar e de produzir conhecimento, sim, é isso que está sendo produzido. Aqui trago um recorte do flickr criado por alunos no primeiro semestre de 2012 (<http://www.flickr.com/photos/edu01013/>):





A primeira imagem é de um “Manto da consagração”, produzido a partir da Mostra das Obras do Arthur Bispo do Rosário visitadas no Santander Cultural, em Porto Alegre/RS, neste semestre de trabalho poético e inventivo. A segunda imagem é uma oferta de generosidade, também fez parte das inúmeras imagens que foram potencializadas pelas aulas, pelas dinâmicas que deram a pensar e pelos agenciamentos de textos, leituras e histórias que envolviam a temática da disciplina.

Seguimos nossa cartografia e conversação. O terceiro par de mãos pertence à Professora Carla, que discorre um pouco acerca da forma como encaminha a disciplina.

Carla: possibilidades a serem construídas

Dentre as múltiplas entradas possíveis no campo da educação especial e inclusão escolar, sublinho aquelas que potencializam o lugar e a função do professor na constituição de um encontro com o outro como diferente, e não como anormal ou deficitário. Trata-se de defender que as possibilidades educativas e de

aprendizagem não residem, única e exclusivamente, nas condições orgânicas, psíquicas, sociais, etc. inerentes ao aluno, mas despontam como possibilidades a serem construídas (ou não) a partir dos sujeitos e das instituições. É fundamental, assim, deslocar o foco do sujeito com autismo, cego, surdo, deficiente, etc... para o professor, o outro que lê, interpreta e constrói possibilidades, implicando-o na construção de um percurso escolar. Para tanto, o diálogo das proposições inclusivas com as artes e com a psicanálise tece um argumento que procura criar novas perspectivas para o “velho e batido chão da escola”, ressignificando-o como espaço de experiência e alteridade. Nesta trajetória, dois momentos destacam-se como dispositivos pedagógicos importantes: Imagens da inclusão e Trabalhos (in)visíveis – sobre o direito à educação. Assim como as professoras Daniele e Claudia, “Imagens da Inclusão” procura sistematizar, em uma forma não necessariamente acadêmica, o encontro com o campo da educação especial. É solicitado ao aluno construir uma apresentação (imagens, sons, textos) sobre alguma das temáticas da disciplina a partir das (in)visibilidades percebidas, sentidas, vislumbradas ao longo do semestre. O recorte temático, as ferramentas e os suportes são livres, respeitando o processo de cada sujeito. Como disse, importa o registro de uma experiência pessoal e a possibilidade de compartilhar tal experiência com o grupo. São muitos os relatos. Em particular, recordo de uma turma pequena, composta por alunos de áreas totalmente diversas: artes, dança, filosofia, matemática e pedagogia. Uma das alunas, no dia em que compartilhamos as imagens, levou uma velha caixa repleta de *desobjetos*, ou seja, “restos” da infância e da adolescência esquecidos ao longo do tempo. Dentre tantos, um livro sobre direitos humanos somente com imagens, que a fascinava quando pequena, e cartas de um

tio, muito estranho e pouco valorado pela família. Nas suas palavras: “habitamos lugares estranhos, na própria casa é possível não ver alguém que não compreendemos, mesmo que esta pessoa esteja sempre lá. Aprendi que conviver é muito diferente de realmente estar ao lado de alguém”. A possibilidade de “estar ao lado” é o foco do seminário Trabalhos (in)visíveis – sobre o direito à educação. Este trabalho começa no terceiro ou quarto encontro e finaliza no penúltimo, com apresentação do trabalho. É uma atividade realizada em pequenos grupos interdisciplinares. As áreas precisam conversar e construir uma intervenção pedagógica – uma aula ou um semestre – para um aluno em situação de inclusão escolar. O caso trabalhado deriva de um filme, por exemplo, Gaby, ou de fragmentos de situações reais vivenciadas no âmbito das escolas públicas. O objetivo não é tanto construir respostas e procedimentos, mas aprender a observar o contexto da escola, da sala de aula e, sobretudo, aprender a perguntar. Quando encaminhar para o atendimento educacional especializado? O que é possível solicitar em termos de material adaptado? Como o aluno se relaciona com os objetos do conhecimento? Como podemos ensinar um aluno com paralisia cerebral, por exemplo? Quais intervenções pedagógicas poderiam favorecer o acesso à escola e ao currículo? O desafio proposto é pesquisar, criar, organizar e planejar uma intervenção pedagógica atenta às necessidades educativas especiais de nosso aluno fictício. É laboratório entre aspas, um momento em que, por vivermos na ficção, podemos errar muito, perguntar, inventar processos. Tal trabalho é sempre muito bem recebido pelos grupos e considerado um momento diferenciado na formação. O desafio futuro é construir um laço com a rede de ensino a fim de intervir nas próprias escolas, a partir de casos e situações reais. São muitos alunos, bons alunos, pensando e inventando

formas de aprender e ensinar.

Considerações Finais


Argumentamos que a Educação Inclusiva exige uma nova formação do Educador, onde uma concepção de ensino e aprendizagem acolha a diferença e trabalhe a partir da diversidade. A disciplina (sempre em gestação) se faz a cada semestre – garantindo os princípios básicos descritos no sumário e eixos básicos. Mas a escola, as leis, os alunos, os acontecimentos mudam. A disciplina, então, passa por mudanças.

A formação inicial de professores foi nosso foco de preocupação, dando evidências ao que estamos produzindo na disciplina, marcada nos acontecimentos cartografados no decorrer deste texto.

Através dos indícios trazidos pelos alunos observamos que os problemas relacionados à inclusão/exclusão são da ordem do encontro com a possibilidade da garantia à diversidade. Olhar as políticas para a educação superior é imprescindível na teia da formação para uma “Escola Para Todos”.

Optamos por uma tessitura conjunta e podemos dizer que a parceria para a invenção de um texto, assim como da disciplina, requer deixar-se levar pelos acontecimentos proporcionados e provocados pelo outro. Neste caso, o desejo e a amizade agenciam encontros e acontecimentos de potencializar incursões em outras metodologias para aulas e para construção do pensamento na área de Educação Especial, assim como para a incitação de pensamento e criação por parte de alunos de graduação em formação.

Aludimos a uma parceria inesgotável e copiosa, a título de conclusão e ilustração do que acreditamos ser



interessante para a invenção de disciplinas e aulas - trata-se de Deleuze referindo a Félix Guattari (2011, s/p):

Félix faria parte do que diremos, talvez, sobre a amizade, sobre a relação da filosofia com algo que concerne à amizade, mas, com certeza, com Félix, fizemos um agenciamento. Há agenciamentos solitários, e há agenciamentos a dois. O que fizemos com Félix foi um agenciamento a dois, onde algo passava entre os dois, ou seja, são fenômenos físicos, é como uma diferença, para que um acontecimento aconteça, é preciso uma diferença de potencial, para que haja uma diferença de potencial precisa-se de dois níveis. Então algo se passa, um raio passa, ou não, um riachinho... É do campo do desejo. Mas um desejo é isso, é construir. Ora, cada um de nós passa seu tempo construindo, cada vez que alguém diz: desejo isso, quer dizer que ele está construindo um agenciamento, nada mais, o desejo não é nada mais.

Construímos aqui agenciamentos a três, na ideia de que produzir o “roteiro” da disciplina contempla o suporte básico proporcionando aos alunos saber onde e a quem recorrer diante de sujeitos com supostos indícios de Necessidades Educativas Especiais. A intenção deste texto foi a de refletir e encontrar pistas sobre os dispositivos que constroem as referências teóricas da disciplina, assim como entender como se processam no encontro com os alunos em formação para a docência. Obtivemos indícios de que, para a produção dos agenciamentos junto aos alunos, é imprescindível a construção do desejo de saber sobre os sujeitos referidos como de “inclusão” na trama com a vontade de querer ensiná-los. Assim, este tecer conjunto entre professores e alunos, permanentemente

(re)inventado no transcorrer da disciplina, sugere, cria, estimula interessantes possibilidades para esta Escola.

Referências

BARRETO, Maria Aparecida Santos Corrêa. A formação do professor na perspectiva inclusiva: diálogos entre a educação especial e a educação do campo. In **Formação de professores e a Educação Especial em diferentes contextos de ensino**. – Educação do Campo. 2006. <http://www.ce.ufes.br/educacaodocampo/download/cdrom5/pdf/u2.pdf> em 20/07/2012

BARROS, Manoel de. **Escritos em verbal de ave**: Manoel de Barros. São Paulo: Leya, 2011.

BAPTISTA, Cláudio R. **Entrevista**. In Ponto de Vista, Florianópolis, n. 3/4, p. 161-172, 2002.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Revista Inclusão: Revista da Educação Especial, v. 4, n. 1, jan-jun p. 7-17, 2008.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº1**, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon: lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DELEUZE, Guilles; PARNET, Claire. **O abecedário de Guilles Deleuze**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/corpoarteclinica/obra/abc.prn.pdf>. Acesso em: maio de 2011.

GAI, Daniele Noal; MIANES, Felipe Leão. **Experimentações fotocartográficas e def. visual: para pensar contrassensos em Educação**. <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/view/2871/799>.

JESUS, Denise Meyrelles de; GOBETE, Girlene. p. 2004) **Formação-intervenção-crítica**: tecendo relações entre práticas pedagógicas, pesquisa colaborativa, políticas públicas de educação e escola inclusiva. UNIrevista - Vol. 1, n° 2: abril, 2006.

KASTRUP, Virgínia. **Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre**. In: Educação & Sociedade, v. 26, n. 93, p. 1273-1288, 2005.

SANTOS, Mônica Pereira dos A formação inicial de professores para a diversidade – Faculdade de Educação/PPGE/UFRJ – 2009. <http://www.lapeade.com.br/artigos.html> acesso em maio de 2012.